

**UFPE É UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CE- CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ROBERTA GLEICE DO CARMO SILVA

**RELAÇÕES ETNICORRACIAIS:
REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE *BULLYING* RACIAL
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Recife/PE
2014

ROBERTA GLEICE DO CARMO SILVA

**RELAÇÕES ETNICORRACIAIS:
REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE *BULLYING* RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Artigo a ser apresentado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da professora: Dayse Cabral de Moura.

Recife/PE
2014

AGRADECIMENTOS

Na trajetória percorrida para a realização desta pesquisa várias foram as pessoas que contribuíram para a sua concretização. Algumas delas tiveram o prazer de me conhecer pela primeira vez, outras me deram a satisfação de aprofundar a amizade. Mesmo podendo deixar de mencionar o nome de alguma delas, quero registrar minha gratidão nesse espaço: Agradeço, primeiramente, à força maior que provém do espírito santo de DEUS como nosso grande inspirador. Em segundo lugar, agradeço ao meu esposo Diego Ernane, por abrir mão de viagens, passeios por conta de meus estudos, enfim por ser meu parceiro. A meu pai, Miguel Alves o qual sempre tornou minha vida um pouco mais fácil, por estar ao meu lado, por acreditar e nunca desistir de mim.

À minha orientadora, Dayse de Cabral Moura pela paciência e importantíssima ajuda sem a qual inviabilizaria minha pesquisa. A todas as pessoas da Escola que desenvolvi a pesquisa, que me acolheram carinhosamente: principalmente a direção, professores, todos os alunos. Aos amigos, que fazem parte do meu dia a dia e que colaboram, direta ou indiretamente, para o que eu sou hoje. Para Erb Melo, meu muito obrigado pelas correções no Português e no Inglês no *abstract*.

[...] Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela

Resumo:

Investigamos a ocorrência de *Bullying* Racial na educação infantil, buscando perceber de que maneira professores e crianças daquele segmento lidavam com as relações etnicorraciais dentro do cotidiano escolar. Realizamos observação participante do contexto da sala de aula de três turmas de uma escola particular, assim como do horário do recreio das crianças. E entrevistamos as professoras das turmas. Concluímos que o racismo, o preconceito e a discriminação contra crianças negras e pardas marcam as atitudes de violência simbólica, física e verbal entre as crianças da educação infantil, ao mesmo tempo em que ainda existe silêncio e passividade das educadoras diante das situações de *Bullying* Racial. Fica visível o despreparo da escola para a realização de ações pedagógicas antirracistas.

Palavras-Chave: *Bullying* Racial, Racismo, Preconceito, Discriminação Racial.

Abstract:

The present study aims to investigate the occurrence of Racial Bullying in early childhood education, seeking to realize how teachers and children in early childhood education and establish Étnicorraciais deal with relationships within the school routine. The methodology was qualitative with non-participant observation of the context of the classroom from three classes in a private school, as well as the recreation of children. And interviews with open questions with the teachers of the classes. We conclude that racism, prejudice and discrimination against black and colored children brand attitudes of physical and verbal violence among children in early childhood education, while there is silence and passivity of educators facing situations of Racial Bullying. In addition to seeing un preparedness and lack of antiracist pedagogical actions.

Keywords: Racial Bullying, Racism, Prejudice, Racial Discrimination.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. REFERENCIAL TEORICO.....	09
2.1. INTIMIDAÇÕES: O QUE É AFINAL? UM BREVE HISTÓRICO E ALGUMAS DEFINIÇÕES DE BULLYING.....	09
2.2. O QUE É INTIMIDAÇÃO ETNICORRACIAL?.....	11
2.3. RACISMO NO BRASIL: A FALÁCIA DA DEMOCRACIA RACIAL.....	12
3. METODOLOGIA	14
3.1. O PASSO-A-PASSO DA PESQUISA.....	14
3.2. APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1. OBSERVANDO O DIA-A-DIA DA ESCOLA.....	17
4.2. A SALA DE AULA.....	17
4.3. BATEU O SINAL! HORA DO RECREIO!.....	21
4.4. O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS?.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6. REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido. 35
7. ANEXOS.....	

1. INTRODUÇÃO:

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, classe e gênero, ofendem a subjetividade do ser humano e nega radicalmente a democracia...+(FREIRE, 1996).

Com base no pensamento citado acima, e também no olhar humano, em face das desigualdades, preconceitos, perseguições, agressões, marginalização e mortes sofridas pelos negros e negras na sociedade brasileira, decidimos desenvolver uma pesquisa que abordasse sobre essa temática, enfatizando a percepção sobre o papel que a escola assume frente às situações de discriminação e preconceito contra os estudantes negros e negras.

Estas concepções aguçaram o nosso interesse em realizar esta pesquisa, que foi intensificada pelas experiências pessoais, dentro da comunidade familiar, onde ocorrem situações de racismo. As experiências profissionais e acadêmicas, adquiridas dentro e fora da sala de aula, permitiram-nos, enquanto estudante de pedagogia, refletir acerca do trato das relações etnicorraciais, sobretudo, pensar de que forma estas relações são estabelecidas e vivenciadas pelo(a)s professores (as) e alunos (as) da educação infantil.

Como os (as) alunos (as) e professores (as) da educação infantil lidam com as diferenças etnicorraciais e o racismo no ambiente escolar? Este questionamento surgiu a partir das vivências aqui já relatadas e das leituras e pesquisas realizadas ao logo do curso de licenciatura plena em Pedagogia, a partir do entendimento de que a postura racista e preconceituosa do(a) educador(a), pode contribuir diretamente para a reafirmação da discriminação e do preconceito racial contra negros e negras.

Nesse sentido, constituiu-se como **Objetivo geral** desta pesquisa: **1.**Compreender como os alunos\as e professores\as da Educação Infantil, em uma escola particular, localizada no Município de Recife/PE, lidam com a educação das relações etnicorraciais e com situações de *Bullying* Racial no ambiente escolar. E como **Objetivos específicos:** **1.**Identificar e analisar se existem manifestações preconceituosas e racistas por parte dos alunos\as e professores\as no ambiente escolar. **2.**Refletir acerca do comportamento dos alunos\as e professores\as mediante as situações de violência física e verbal oriundas do preconceito racial;

3. Analisar a postura do(a) educador(a) no que diz respeito ao trato com a diversidade etnicorracial no ambiente escolar.

Após a **Introdução**, o **Referencial Teórico** se encontra subdividido em seis tópicos: **2. 1.** Intimidações: O que são Afinal? Um breve histórico e Algumas definições de *Bullying*, **2. 2 .** O que é Intimidação etnicorracial? Preconceito e Discriminação Racial como forma de *Bullying*. **2 . 3.** Racismo no Brasil: A Falácia da democracia Racial. Na **Metodologia**, descreveremos os sujeitos e os instrumentos de coletas de dados utilizados na pesquisa. NOs **Resultados e Discussão** estão desenvolvidos nos tópicos **4.1.** Observando o dia-a-dia da escola, **4.2.** A sala de aula. **4.3 .** Bateu o sinal! Hora do Recreio! **4.4.** O que dizem as professoras entrevistadas? Por fim, apresentamos nossas **Considerações Finais e/ou Conclusões**, explicitando os pontos principais de nossas conclusões.

A seguir apresentamos o marco teórico da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. INTIMIDAÇÕES: O QUE SÃO AFINAL? UM BREVE HISTÓRICO E ALGUMAS DEFINIÇÕES DE *BULLYING*

Diariamente, milhares de crianças sofrem, dentro das instituições educacionais, violações, quer sejam elas físicas ou simbólicas que poderão lhes acarretar, futuramente, sérios danos físicos e/ou psicológicos (MELO, 2010, p. 34). Dessa forma, nos deparamos com o fenômeno *Bullying*, que, dentre muitas outras definições, é, segundo o Art. 2º da LEI Nº 13.995/2009

prática de atos de violência física ou psicológica, de modo intencional e repetitivo, exercida por indivíduos contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de constranger, intimidar, agredir, causar dor, angústia ou humilhação à vítima

Segundo a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência), o termo *Bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. A discussão sobre a temática do *Bullying* é algo considerado relativamente atual, principalmente no Brasil, no entanto, se atentarmos para observar o período exato em que surgem as primeiras pesquisas relacionadas a este tema, notaremos que não é algo tão novo assim como aparenta. O primeiro pesquisador que percebeu o fenômeno *Bullying* foi o

professor Dan Olweus. Seus estudos foram realizados na Universidade de Bergen-Noruega (1978 a 1993) e obtiveram grande repercussão. Porém, o governo norueguês só concedeu merecida importância para essa violência institucionalizada após o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, que, influenciadas por atos de maus tratos dos colegas resolveram pôr um fim em suas vidas.

A partir do fato citado acima, a autoridade norueguesa, pressionada pela população, realizou em escala nacional a Campanha *Anti-Bullying* nas instituições escolares (1993). Com base nesta pesquisa, outros estudiosos como Voos (2000) afirmaram que a campanha Nacional Norueguesa *Anti-Bullying*, adotada pelo governo Norueguês, reduziu drasticamente os índices de evasão escolar, contribuindo para um melhor desempenho acadêmico dos alunos. Ou seja, já neste período, quando as perseguições por *Bullying* não chegavam a causar a morte do indivíduo, tinham como consequências outros aspectos como a evasão escolar.

Ele encontrou benefícios para todos os alunos quando o programa antibullying reduziu o comportamento agressivo na escola. Não só uma redução de Bullying leva a um menor incidente de violência, mas a moral escolar foi elevada, a evasão escolar foi reduzida, e o desempenho acadêmico geral melhorou. (VOORS, 2000, p. 29).

O termo *Bullying* possui várias definições entre as quais a mais grave e cruel é a capacidade de causar danos psíquicos na vida de um sujeito. Alan Beane (2010) ressalta que: *“O termo Bullying descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa.”* (Beane, 2010, p.18).

2.2. O QUE É INTIMIDAÇÃO ETNICORACIAL? PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL COMO FORMA DE BULLYING.

Para compreendermos este conceito, partiremos da ideia de que o *Bullying* se manifesta de variadas formas e os motivos que contribuem para que este fenômeno ocorra perpassam pela dificuldade dos indivíduos se relacionarem com o que lhes parece diferente daquilo que elegeram como *“normal”* para si mesmos, logo, o *Bullying* é mais um termo para se referir às manifestações de preconceito e intolerância enraizados socialmente. Pensar sobre os motivos que levam um grupo sociais a se sobrepôr a outro, é entender que o *Bullying* começa, frequentemente, pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas

sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais (FANTE, 2005, p. 62-63).

Neste contexto, apontaremos as diferenças etnicorraciais como elementos destacados nas atitudes perversas de violência, sobretudo dentro da escola, e em face dos grupos negros. O termo Intimidação ou *Bullying* Racial não possui uma conceitualização direta e clara, pois não existe, até o presente momento dessa pesquisa, estudos que definem de forma concisa este termo, contudo, entendamos que se trata de dois termos que são usados quase que predominantemente de forma separadas, embora estejam correlacionados.

O *Bullying* não é apenas a manifestação de ações de violência sem qualquer motivo determinante, pelo contrário, ele está intimamente relacionado ao conceito de preconceito. O preconceito, de acordo com os psicanalistas Jahoda e Ackerman (1969), é caracterizado por uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais, dirigida contra um grupo inteiro ou contra os indivíduos pertencentes a ele, e que preenche uma função irracional definida dentro da personalidade+ (p. 27). Somando a esta conceituação, Crochik (1995) atenta para o fato de que para que ele, o *Bullying*, exista, é necessário que se somem às características do indivíduo fatores de seu processo de socialização, e, embora a manifestação do preconceito seja individual, pois responde às necessidades individuais, surge no processo de socialização, como resposta aos conflitos gerados neste processo+ (Crochik, 1995, p. 15).

Assim como o preconceito, o racismo e a discriminação racial podem ser uma forma de *Bullying*. A pluralidade racial gera um grande problema nas relações sociais e as manifestações discriminatórias são muito comuns em vários setores da sociedade, principalmente, dentro do universo escolar. O racismo surge a partir da intolerância às diferenças raciais, ele se baseia na existência de uma suposta raça superior, ao mesmo tempo que menospreza e marginaliza qualquer grupo que não faça parte do grupo etnicorracial pré-estabelecido como padrão. Pode ocorrer tanto de forma explícita e direta, através de palavras ofensivas e apelidos grotescos, ou sobre a forma implícita, com características da violência simbólica.

Christian Delacampagne (1990, pp. 85-6) provê um excelente exemplo de conceitualização ampliada do racismo e de seu uso metafórico:

O racismo, no sentido moderno do termo, não começa necessariamente quando se fala da superioridade fisiológica ou cultural de uma raça sobre outra; ele começa quando se alia a (pretensa) superioridade cultural direta e mecanicamente dependente da (pretensa) superioridade fisiológica; ou seja, quando um grupo deriva as características culturais de um grupo dado das suas características biológicas. O racismo é a redução do cultural ao biológico, a tentativa de fazer o primeiro depender do segundo. O racismo existe sempre que se pretende explicar um dado status social por uma característica natural. (Christian Delacampagne, 1990, pp. 85-6)

Dessa forma, entendemos que qualquer ação hostil ou ofensiva contra pessoas, por causa de sua cor de pele, origem cultural ou origem étnica se configura em uma prática de *Bullying* Racial.

Garcia (2009) afirma que as violências decorrentes das relações etnicorraciais são umas das mais frequentes, juntamente com o *Bullying* homofóbico, por exemplo. Essas são formas que expressam, fundamentalmente, processos discriminatórios que envolvem valores e modos de interação forjados culturalmente e não resultam de problemas relacionais individuais e circunstanciais, mas, sim, de processos coletivos, socialmente construídos. Por essa razão, tomam uma dimensão política mais abrangente e suas repercussões provocam claramente sentidos que extrapolam o ambiente escolar.

2.3. RACISMO NO BRASIL: A FALÁCIA DA DEMOCRACIA RACIAL

Não se deve ressaltar o *Bullying* racial, sem fazer menção à História dos Negros no Brasil, onde foram e são estigmatizados, devido à fomentação historiográfica ter sido construída sob o eurocentrismo. Para discutir as ações de violência, motivadas pelo preconceito e discriminação, sofrida pelos negros na sociedade atual, é preciso, antes, compreender as raízes deste mal que vem sendo imbuído culturalmente e tratado, quase que constantemente, como algo inexistente ou já superado socialmente. Podemos trazer como exemplo a questão do mito da Democracia Racial no Brasil, que defende que, sendo o Brasil um país formado por vários povos (negros, índios, brancos), o mesmo seria um país %singular+ e %privilegiado+. Assim como afirmam Wilma Coelho e Cezar Coelho, (2010), a ideia da Democracia Racial, defendida inicialmente por Alexander Von Martins, contribuiu diretamente para o contexto histórico vivido pelo Brasil Colônia, durante o segundo

reinado, marcado principalmente pelas revoltas provinciais e tensões com relação à corte, permitindo que, a partir da ideia da democracia das raças, o país adquirisse a gênese da nação brasileira, a partir da junção destes povos.

Contudo, essa junção (miscigenação) provocou uma hierarquia preconceituosa entre as raças. Se, por um lado, a tentativa era de incluir todos os elementos, no intuito de definir uma nação brasileira, por outro lado, o que se encaminhou foi uma distinção desigual na contribuição de cada etnia na formação do povo brasileiro, na medida em que foram distribuídas importâncias diferentes a cada um dos elementos envolvidos. Segundo a teoria do mito da democracia racial, os brancos representariam, na sociedade brasileira, padrões de valores da civilidade (caracteres culturais fundamentais, princípios morais, instituições políticas, conhecimento sistematizado, coragem, tenacidade e atributos correlatos). Enquanto que os negros e os índios acrescentariam à nação a sua força de trabalho, somada a alguns aspectos culturais que formariam hoje a nossa identidade e nosso folclore (gostos alimentares, festas, ritmos, lendas e uma afetividade expansiva). Wilma Coelho e Cezar Coelho (2010, p. 27) afirmam que:

O paradoxo, como se pode perceber, é aparente. Se, por um lado, ele iguala todos os envolvidos, por outro ele institui uma hierarquia baseada nos valores com que cada um dos elementos participou da construção do Brasil. O mito sugere - ao final - que embora a nação seja resultado de um conagraçamento (a miscigenação), cada um dos elementos ocupa lugar distinto: índios e negros estão em posição secundária e subalterna em relação ao elemento branco. (Wilma Coelho e Cezar Coelho, 2010, p. 27).

Outro aspecto que podemos pontuar, quando se fala do mito da democracia racial, é a ideia de branquitude, que perpassa pela concepção perversa de que é preciso, para limpar, clarear a cor negra, misturar brancos e negros, na intenção de, aos poucos eliminar, mesmo que fisicamente, a raça negra. Nesta perspectiva, Silva Bento (2002) discorre sobre o contingente populacional africano durante a colonização, afirmando que este era bem maior em relação ao contingente europeu e que estes se sentiam ameaçados e amedrontados em conviver em um país não-branco.

Dentre alguns estereótipos apontados ao negro, refere-se a mancha moral e física, pré-conceituando este ser como sendo impuro, pecaminoso, corrupto.

Nesse sentido, o antropólogo Munanga (1988, p. 14-15), afirma:

Em cima dessa imagem, tenta-se mostrar todos os males do negro por um caminho: a Ciência. O fato de ser branco foi assumido como condição humana normativa e o de ser negro necessitava de uma explicação científica. Uma primeira tentativa foi a de pensar o negro como um branco degenerado, caso de doença ou de desvio à norma. (MUNANGA 1988, p. 14-15).

Após apresentarmos alguns conceitos básicos de nossa pesquisa, a seguir descrevemos a metodologia utilizada.

3. METODOLOGIA

3.1. O PASSO-A-PASSO DA PESQUISA

Esta pesquisa se estruturou de forma qualitativa, visando à percepção dos estudantes e professores acerca das relações interraciais estabelecidas na sala de aula e as situações de *Bullying* racial vivenciados por pares da educação infantil numa escola da rede particular de ensino. Além de proporcionar uma maior participação, a pesquisa qualitativa opta pela interpretação, na contramão da generalização que ocorre nas pesquisas quantitativas. Ela permite que os participantes interajam, descrevendo e comparando situações perante o pesquisador (MINAYO,2000).

Quanto aos instrumentos de pesquisa, optamos pela observação que acontece num contexto natural, possibilitando uma relação maior entre o pesquisador e o objeto de estudo. Também utilizamos como instrumento de coleta de dados, as entrevistas com as professoras das três turmas, essas entrevistas continham 6 questões abertas (vide Anexo I). Este método nos possibilitou uma maior compreensão acerca da opinião e entendimento dos professores/as e uma melhor categorização dos elementos que norteiam o nosso objeto de estudo.

Em se tratando de uma pesquisa de campo qualitativa, a mesma se deu em dois momentos distintos, mas conciliadores, com o objetivo de investigar como ocorrem, no dia-a-dia da sala de aula, as relações etnicorraciais entre alunos e alunos e professores e alunos de uma determinada escola particular do município do Recife. Sobretudo, observando se ocorrem e como ocorrem as situações de *Bullying* Racial nas turmas A, B e C da educação infantil e como os professores lidam com esses conflitos.

No primeiro momento, com o intuito de conceder à pesquisa um caráter mais verossímil, foi realizada a observação não-participante de três turmas (de vinte

alunos cada) de crianças da educação infantil III, com idades entre 5 e 6 anos a completar, e de suas respectivas professoras (3). Essa observação ocorreu num período de um mês, duas observações de aulas para cada turma e consistiu em identificar e pontuar como os alunos(as) e professoras lidam com situações cotidianas que envolvem o trato das relações etnicorraciais e a violação racial, sobretudo com os indivíduos negros, levando em consideração os seguintes pontos: como ocorrem, por que ocorrem, a frequência com que ocorrem e quais os procedimentos, encaminhamentos adotados pelo professor com relação à problemática.

No segundo momento, com o objetivo de coletar dados com a opinião dos professores sobre a temática proposta, explorando e identificando, assim, em que medida, estes estão preparados para lidar com os conflitos raciais em sala de aula, utilizamos a já mencionada entrevista, que, segundo Minayo, consiste em uma conversa a dois, feita por iniciativa do pesquisador, destinada a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa. (MINAYO, 1993, p. 107). As entrevistas foram realizadas individualmente com cada professora das respectivas turmas (3 professoras).

Realizamos a análise dos dados desta pesquisa através da análise temática de conteúdo, proposta por Minayo (2000) e Bardin (2009), que abordam como etapas essenciais dessa metodologia a categorização, descrição e a interpretação.

3.2. APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes desta pesquisa são 60 alunos com idades entre 5 e 6 anos a completar, divididos em três turmas de 20 alunos cada, da educação infantil III, turmas A, B e C. Todos os alunos são moradores do bairro do Arruda, onde está localizada a escola pesquisada. A maioria dos alunos estudam nesta escola desde que tinham 2 e 3 anos de idade, ou seja desde o início da educação infantil.. Grande parte dos alunos das três turmas se encontra no período de alfabetização, demonstrando estar entre as fases silábica - alfabética e alfabética. Segundo uma das professoras, apenas alguns alunos ainda não conseguiram alcançar estas fases, por terem vindo de outras escolas, mas segundo ela, os mesmos até o final do ano alcançariam o ritmo da turma. As turmas analisadas possuem em sua composição étnica grande parte de alunos considerados brancos e uma pequena quantidade de

alunos considerados pardos, assim como mostra o quadro 1 (vide anexo). No entanto percebe-se que dos sessenta alunos matriculados na educação infantil III, quase a metade desse total é composta de alunos negros e pardos.

A escola pesquisada pertence à rede particular de ensino, está localizada num bairro de classe média baixa da cidade do Recife, está no segmento da educação por mais de 30 anos, e oferece as modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, nos dois turnos: manhã e tarde. O motivo para que esta escola tenha se tornado nosso objeto de pesquisa se deve ao fato de que, a partir das experiências adquiridas durante um período de seis meses em que lecionei aulas de reforço das disciplinas de Português e matemática nesta escola, pude perceber algumas situações em que alunos da educação infantil estavam perdendo o interesse de frequentar as aulas, pois alegavam não gostarem da mesma, por que não tinham amigos, e eram constantemente apelidados e agredidos fisicamente pelos coleguinhas de classe. Em determinadas situações alguns alunos chegaram a ser transferidos para outra escola pelos seus familiares ou responsáveis, no intuito de resolver os conflitos gerados dentro da instituição.

Quanto às professoras entrevistadas, todas possuem a formação do magistério e são graduadas no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia em intuições particulares. A primeira professora não possui pós-graduação. A segunda professora possui pós-graduação em psicopedagogia e a terceira em administração escolar. No que se refere ao tempo de docência na educação infantil e o tempo em que lecionam na escola e nas turmas observadas, as professoras se apresentam, como no quadro 2, em anexo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OBSERVANDO O DIA-A-DIA DA ESCOLA.

A observação foi dividida em dois momentos: no primeiro momento nos detivemos em observar o contexto da sala de aula, buscando perceber situações de *Bullying* e *Bullying* Racial entre os alunos. No segundo momento, nos propusemos a observar, também, a hora do recreio dos alunos, pois consideramos que este momento seria rico para nos oferecer subsídios que nos ajudassem a compreender melhor as relações raciais estabelecidas entre os alunos, pois é nesta ocasião em que eles demonstram estar mais espontâneos, estabelecendo, de forma mais concreta, os diálogos e brincadeiras, fora da vista dos professores.

4.2. A SALA DE AULA

No contexto da sala de aula identificamos que em uma das três turmas observadas, turma A da professora 1, os alunos demonstraram uma grande dificuldade em formar grupos para desenvolver as atividades propostas pela docente. Os mesmos costumavam se dividir em grupos de cinco e seis alunos, de acordo com as afinidades que cada um estabeleceu ao longo de sua trajetória na escola e na turma de que faz parte. Esses grupos foram formados, segundo a professora da turma, desde o início do ano e os mesmos podem ser percebidos, por exemplo, na escolha que fazem dos seus lugares e na formação dos grupos para a realização das atividades propostas pela mestra.

Durante as observações realizadas dentro da sala de aula da turma A, acompanhamos algumas situações em que os alunos formam seus grupos e determinam quem deve participar ou não da brincadeira ou atividade desenvolvida. Numa ocasião, ocorrida na sala da professora 1 da turma A, a mesma dividiu as carteiras de maneira que ficassem cinco alunos em cada mesa. Em seguida distribuiu alguns jogos da memória para as crianças. Os jogos eram todos iguais e também eram bem conhecidos pelos alunos, pois os mesmos costumavam jogá-los após o recreio. Em seguida a professora pediu que os alunos se organizassem em grupos de 5. Neste momento uma grande "confusão" foi iniciada, pois havia cerca de 6 crianças que queriam sentar juntas em um mesmo grupo e se recusavam a participar de um outro grupo que possuía apenas 3 componentes.

Após esta "confusão", os demais alunos se organizaram em dois grupos de 5 alunos cada e um grupo de 3 alunos. A professora tentou convencer, ainda que sem sucesso, os 6 alunos que queriam jogar juntos, explicando que a atividade só daria certo se cada grupo tivesse 4 ou 5 alunos no máximo. Argumentou que havia um grupo de apenas 3 participantes, que ainda não estava completo e pediu que um dos alunos ocupasse o lugar que estava sobrando. No entanto, nenhum dos 6 alunos quiseram fazer parte do grupo que estava incompleto e permaneceram no grupo em que estavam inicialmente. O grupo de 3 alunos que estava incompleto era composto por 2 alunos negros, Samuel de 5 anos e Pedro, também de 5 anos, que sempre sentam juntos e um aluno branco, Lucas, da mesma idade que os demais.

Em outra ocasião, registrada também na turma A, a professora distribuiu alguns brinquedos para os alunos e informou que os mesmos estavam livres para brincar. Novamente, percebemos que os alunos se organizaram em grupos já definidos por eles, e que a configuração desses grupos pouco mudava, quando ocorria alguma mudança a mesma se dava pela falta de algum aluno naquele dia ou por algum desentendimento que havia ocorrido entre eles. Mais uma vez, notamos que Samuel e Pedro não se enturmaram com os grupos já formados, e brincavam separados do restante da turma, próximo à professora.

Em todas as observações realizadas, notamos que Samuel e Pedro sempre sentavam próximos à professora, brincavam e conversavam entre si, mas pouco interagiam com a turma e a turma com eles. Sempre que havia a formação de grupos para as atividades, ou quando os alunos estavam livres para jogar ou brincar, Samuel e Pedro ficavam de fora. Questionamos a professora acerca da atitude dos alunos de formar esses grupinhos, panelinhas e o motivo para os alunos Samuel e Pedro não fazerem parte dos grupos estabelecidos. Recebemos as seguintes justificativas:

Não me incomodo com isso, (o fato de os alunos formarem seus grupos) desde que eles desenvolvam as atividades que proponho, podem se sentar e conversar com quem desejarem, até porque não posso obrigá-los a fazer o que não se sentem bem em fazer. Cada um escolhe o que lhe parece ser bom... Isso é normal para a idade deles, estão selecionando os seus vínculos de amizade+(Professora 1, turma A).

Com relação ao aluno Samuel de 5 anos, aluno negro, que ainda não havia se encaixado em nenhum grupo, até aquele momento, a professora afirmou o seguinte:

É o primeiro ano dele aqui na escola. Além de ser muito tímido, ele tem muita dificuldade de aprendizado. Está atrasado com relação à turma. Até prefiro que ele esteja sentado próximo ao meu birô e não converse muito com os colegas, pois assim consigo dar mais assistência a ele+(Professora 1, turma A).

No entanto, percebemos que não é somente o fato do aluno ser tímido que não permitiu que o mesmo conseguisse fazer parte dos grupos formados. Nem mesmo a justificativa de ser novato na escola, tendo em vista que já estava no meio do ano, logo o aluno já deveria ter passado por essa fase de adaptação e, conseqüentemente, já deveria, apesar da timidez, ter estabelecido alguns laços de amizade, mesmo que poucos. Tendo em vista que o mesmo conseguiu estabelecer uma relação de amizade com Pedro, aluno negro, que está há mais tempo na escola, mas que também não conseguiu fazer parte de nenhum outro grupo.

Acreditamos que esses fatos sobre o isolamento das crianças não devam ser naturalizados e, simplesmente, aceitos pela docente.

No entanto, presenciamos duas situações em que Samuel trouxe de casa um jogo eletrônico muito cobiçado pelas crianças de sua idade. E, diferentemente dos dias anteriores, em que ele e seu colega Pedro estavam sempre isolados do restante da turma, daquela vez, três colegas se aproximaram dele e começaram a fazer perguntas sobre o brinquedo que tanto chamou a atenção. Depois de algum tempo, outros alunos foram chegando e pedindo para que Samuel emprestasse seu brinquedo. Jean, um menino branco de 6 anos fez a seguinte afirmação:

“Ei! Se tu deixar eu jogar no teu jogo eu deixo tu ser o goleiro do meu time, visse?! Na hora do recreio, tá? Por que amanhã a gente vai jogar e tu vai também, visse?! Agora tu tem que deixar eu jogar! Só um pouquinho, tá?!”

É possível perceber que, apesar de ser constantemente ignorado pelos colegas de classe, Samuel consegue chamar a atenção dos mesmos, ao trazer um objeto que causou interesse em grande parte dos alunos. E que a partir do acordo de emprestar o brinquedo, ele conseguiu, em pouco tempo, estabelecer uma relação de amizade com os demais alunos, algo que antes parecia impossível.

Nas observações presenciamos também situações de maus tratados e agressões físicas e verbais sofridas por alunos negros e pardos. Podemos citar, a exemplo dessas agressões ocorridas em virtude do *Bullying* Racial, um caso observado na turma B da professora 2, ocorrido durante a chegada dos alunos. A situação se passou da seguinte forma:

Maria, uma menina negra de 5 anos, que estuda na escola desde o início da educação infantil, foi agredida verbalmente e empurrada por suas colegas de classe. Quando esta entrou na sala e procurou uma cadeira para se acomodar, sentou-se perto de Talita. Assim que se sentou, Maria foi bruscamente empurrada por Fernanda, sua colega de sala, e acabou caindo e se machucando.

“Você não pode sentar aqui! Aqui é o lugar de Aline, Ela é minha amiga e você não é! - Saia daqui, sua cabelo de fubá! Não quero você sentada perto de mim!” (Gritou Fernanda, de apenas 5 anos).

“Este lugar nós guardamos para ela e não pra você, Maria! Sente naquela cadeira ali atrás!” (Afirmou Talita, de apenas 6 anos).

Infelizmente, no momento em que ocorreu a situação descrita acima, a professora não estava presente, havia saído para atender um pai de aluno. Assim que retornou à sala de aula, a professora encontrou Maria caída no chão, chorando. E perguntou à menina o que havia acontecido, e a mesma afirmou que tinha sido empurrada pela colega, porque havia sentado num lugar que ela estava guardando para outra colega. A professora, por sua vez, disse a Maria que não sentasse mais perto delas e que ela (MARIA) já sabia que suas agressoras não gostavam dela e, mesmo assim, ela ficava perto dela. Em seguida, a professora deu início às atividades do dia.

*“Maria você sabe muito bem que elas não gostam de você! Por que mesmo assim você senta perto delas?! Deixe de ser boba menina! Fique perto de quem gosta de você. A gente só deve andar com quem gosta da gente...”
(Professora 2 da turma B).*

A atitude da professora, diante de situação de violência física e verbal sofrida pela criança, culpabiliza a própria vítima do *Bullying*. Quando a professora afirma: *Maria você sabe muito bem que elas não gostam de você! Por que mesmo assim você senta perto delas?* Nesta fala a professora imprime toda a responsabilidade pela ação violenta à própria Maria. Logo, se Maria não tivesse sentado ou falado com as meninas, teria evitado a ação violenta. Ao mesmo tempo, que há Culpabilização da própria vítima, existe também a naturalização do preconceito e da discriminação, que são silenciados à medida em que a professora não problematiza a situação e não confere às agressoras qualquer tipo de punição pelo ato praticado. Silenciar o *Bullying* racial traz consequências graves tanto para vítima que não vê seu agressor ser punido, quando para quem faz a agressão, que continua achando que pode fazê-lo em outras situações, sabendo que não será punido.

Outra situação de *Bullying* presenciada por nós, foi vivenciada na turma C da professora 3, em ocasião de uma representação teatral do conto infantil *A Chapeuzinho Vermelho*, na qual os alunos deveriam escolher quem deveria fazer o papel dos principais personagens da trama. Primeiro, a votação se deu para a escolha da personagem Chapeuzinho Vermelho: 5 meninas se propuseram a fazer o papel, dentre elas, Lane, uma menina negra de 6 anos e muito comunicativa. A professora pediu que as cinco meninas viessem para a frente do quadro, para que fosse feita uma votação. A professora foi apontando e falando o nome de cada aluna, para que o restante da turma votasse. Um aluno negro, Pedro de 5 anos,

levantou-se e disse: *eu voto na Priscila! Porque a chapeuzinho é loura e tem um cabelo bom igual o dela*. Todos acabaram preferindo Priscila ao invés das outras candidatas que não possuíam as mesmas características físicas que ela, inclusive Lane.

Diante dessas situações, percebemos como, desde pequenas, as crianças já reproduzem atitudes preconceituosas e racistas. As situações de *Bullying*, presenciadas na sala de aula da escola X, e aqui descritas estão, sem dúvida, relacionadas à questão Racial. O *Bullying* Racial vivenciado por estas crianças traduz como o preconceito ainda se encontra enraizado na sociedade e como na sala de aula ganha corporeidade e amedronta a vida de vítimas que ainda não sabem se defender sozinhas. Percebemos que os alunos se sentem acuados e amedrontados e não encontravam nas professoras o apoio de que precisavam para poder vencer as barreiras do preconceito.

4.3. BATEU O SINAL! HORA DO RECREIO!

Observamos o recreio dos/as alunos/as, duas observações para cada turma, com duração de 30 minutos cada. É válido dizer que o mesmo não é acompanhado com frequência pelas professoras; as mesmas, quando bate o sinal do intervalo, vão para a sala dos professores ou permanecem nas salas de aula, corrigindo provas ou cadernos. Às vezes, a coordenadora da escola acompanhava o recreio das crianças, mas isso não ocorria com muita frequência.

No recreio, os alunos e alunas estão mais livres e acabam mostrando, nitidamente, mais algumas situações de *Bullying* e Intimidação Racial. Na primeira semana de observação, presenciamos uma situação de conflito em que uma aluna, Laura, da turma A, havia batido no colega, porque o mesmo a havia apelidado de *macaco de vassoura*. Ela, muito chateada, deu um tapa no menino. A professora da turma acabou vindo para intervir e chamou os pais dos dois alunos.

Situações de apelidar uns aos outros são muito comuns entre os alunos dessa escola, durante o recreio. Presenciamos, por várias vezes, grupos de 4 e 5 alunos brancos e também alguns alunos negros, dois deles, apelidando outros alunos negros de *macaco*, Cirilo, Saci, *edorento*. Esses apelidos eram mencionados

tanto quando eles estavam aparentemente brincando, mas, principalmente, quando se desentendiam por algum motivo. As meninas são as mais atacadas por conta do tipo e tamanho dos cabelos: cabelo de vassoura, cabelo de Bom Bril, cabelo duro, %Assolam+, eram os apelidos mais comuns no tratamento com as meninas negras que existiam na escola. As agressoras eram tanto crianças negras e pardas quanto brancas.

Em contrapartida, as próprias vítimas do *Bullying* ou suas mães eram culpabilizadas pelo Bullying racial que sofriam em relação ao seus cabelos. Em uma dessas ocasiões, em que houve agressão verbal entre as crianças, por causa do tipo do cabelo, presenciamos a conversa de duas professoras no corredor da escola. A professora dizia o seguinte:

%Como é que uma mãe deixa uma criança vir assim para a escola? (Se referindo ao peteado de uma menina negra) É só para servir de chacota mesmo! - Qual era o dela? (Se referindo à mãe) Prender o cabelo da menina, ajeitar, tem tanto produto ai hoje em dia, para alisar. Agora a %bichinha+ fica servindo de gozação na escola, por causa do desleixo da mãe+ (Professora 3, turma C).

A professora ainda comentou o seguinte para a aluna vítima do *Bullying*:

Quem manda vir assim, veio assim sem ajeitar os cabelos... saiba que vai passar por esse vexame, peça para sua mãe levar você no salão para dar uma ajeitada no seus cabelos e você vir para a escola, arrasando no outro dia. (Professora 1, turma A falando com uma menina vítima do Bullying).

Observamos que a fala da docente acima, além de silenciar e naturalizar a violência sofrida pelas crianças negras, em relação aos apelidos sobre os seus cabelos afros, ainda culpabilizava as crianças e suas mães, e reforçava a discriminação racial, ao rejeitar e considerar feio o cabelo afro.

Em outra ocasião, quando algumas meninas estavam brincando de encenar uma novela chamada Carrossel, um menino branco pediu para entrar na brincadeira, as mesmas disseram que já tinham todos os personagens, mas que faltava somente um: o Cirilo, o único personagem negro da referida trama. O menino se recusou em aceitar este papel, chorou, dizendo que não queria ser Cirilo, porque este era negro e feio e ele não era assim. Quando os outros alunos viram o menino chorando, começaram a gritar: CIRILO! CIRILO! CIRILO! O menino foi chorando, procurar a

professora, que, dessa vez, se encontrava no pátio onde ocorre o recreio. A mesma pediu para que eles parassem de chamar o garoto de Cirilo.

%oParem já com isso! Isso não é brincadeira que se faça! vocês não estão vendo que o colega não está gostando e ficou ofendido! Vão brincar de outra coisa!+professora 2, turma B).

%oTia elas não querem que eu brinque com elas! Ficam dizendo que eu sou CIRILO! E eu não sou! Eu sou bonito! Eu sou o Daniel, não sou o Daniel, tia?+(Luciano,5 anos).

Nesta mesma ocasião, entre os alunos que chamavam Luciano de Cirilo estavam também dois alunos negros que também aproveitaram a situação para apelidar o colega de classe. Todos riam e gritavam ao mesmo tempo.

Identificamos que, novamente, a docente optou pelo silêncio e perdeu mais uma oportunidade para explorar a temática das relações raciais para a afirmação de identidades negras, problematizando na perspectiva do ser negro e branco. Vejam que o garoto branco sentiu-se ofendido em ser chamado de Cirilo, porque não queria ser considerado feio, já que o personagem Cirilo é negro. As crianças negras também participaram do xingamento, como se não fizesse referência direta a eles. Talvez, agindo daquela forma, pudessem se sentir aceitos pelas outras crianças, na medida em que, no cotidiano, não eram incluídas naquele grupo.

Relatamos agora, a situação do estudante Nicolas, aluno negro de 6 anos, que também está acima do peso, e que se sente ridicularizado pelo seus colegas quando estes o apelidam de *gordinho pretinho, preto gordinho*. Nicolas é bem comunicativo e demonstra interesse em brincar e conversar com seus colegas, só que por vezes, presenciamos situações em que estes se referiam a ele usando-se de apelidos preconceituosos. Na maioria das vezes, ele recebia as ofensas de forma passiva, às vezes sorrindo. Em outra situação demonstrava estar chateado com a forma de tratamento que recebia. Nicolas é vítima constante de agressões físicas durante o recreio e, em uma das situações percebidas, presenciamos quando um menino branco o empurrou do escorrego, aparentemente sem motivo algum. Empurrões, beliscões e chutes são algumas das agressões constantes vivenciadas por Nicolas durante o recreio.

É notório que os alunos não se identificavam com o estereótipo negroide, mesmo fazendo parte dele ou não, eles não visualizam a identidade negra como

algo positivo e se sentiam ofendidos quando associados ou comparados com pessoas negras. Nos dois exemplos citados acima, percebemos que o *Bullying Racial* ocorria de forma direta e vinculava negativamente a imagem do negro, associando-a sempre ao feio e ao ruim. O fato de ser NEGRO, passa a servir como motivo de chacota e ofensa.

Contudo, acreditamos que as professoras também contribuíram diretamente para que essa identidade continuasse sendo construída negativamente, quando não abordaram a questão racial de forma direta e objetiva. Estes fatos, ocorreram no cotidiano da escola, fazendo parte do currículo, mas em nenhum momento, durante as observações que realizamos, presenciamos as educadoras abordando a história e a cultura africana e afro-brasileira, ou discutindo com os estudantes, a partir das situações vivenciadas com os estudantes negros em suas aulas. Na verdade essa temática era totalmente silenciada na prática docente e pedagógica da escola.

Percebemos que as educadoras tentavam resolver os conflitos entre os alunos, isoladamente, usando-se, muitas vezes, do autoritarismo e da punição para minimizar as situações de conflito entre os alunos. Percebemos, na prática das professoras, a ausência de intervenções pedagógicas voltadas para o trato das relações raciais. Não identificamos, durante as observações, nenhuma situação em que as professoras tivessem abordado a figura do negro como algo positivo, em nenhum momento foi estabelecido com as crianças diálogo ou qualquer atividade que estivesse relacionada com a construção positiva da identidade negra.

Ainda durante o recreio, presenciamos outra situação em que, de forma bem sutil, as crianças manifestaram preconceito e discriminação ao fato de ser negro. Algumas meninas, entre elas duas alunas negras e três brancas, se organizavam para brincar de uma brincadeira denominada por elas de "mãe e filha". Presenciamos o momento em que elas estipulavam quem deveria ser a mãe e quem seria a filha. Uma das meninas, Bianca, branca, de 5 anos disse:

- Eu não quero ser a mãe dela não! (Se referindo a uma das alunas negras que aguardavam para brincar) - Ela não pode ser minha filha! Quero que Laiza seja minha filha! - Ela não! Ela não! - Se não eu não brinco mais! (Bianca, 5 anos)

A menina negra ainda tentou argumentar, implorando para que a colega deixasse ela participar da brincadeira:

*- Vai Bianca! deixa eu ser a tua filha! Só hoje, vai! Laiza já foi e eu nunca fui!
(Janaina, 5 anos)*

Janaina não conseguiu convencer a menina e acabou sendo ignorada e dispensada pelas colegas. Acabou escolhendo outro tipo de brincadeira, com outro grupo de crianças.

Consideramos que tal situação fere a subjetividade e contribui para a construção negativa da identidade da criança negra, interferindo, diretamente, na sua autoestima, a partir do momento em que, diariamente, ela é rejeitada em assumir papéis de destaque nas brincadeiras. A criança negra assume subjetivamente os lugares sociais em que o indivíduo negro pode ou não ocupar.

A linguagem não-verbal, realizada também no espaço escolar, expressa por meio de comportamentos sociais, atitudes e disposições, transmite valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, desfavorecendo o conhecimento a respeito do grupo negro. Essa linguagem não-verbal só pode ser captada no seu cotidiano. Ou seja, há na escola uma linguagem que fala pelo silêncio, pelo gesto, pelo comportamento, pelas atitudes, pelo tom de voz, pelo tipo de tratamento, o papel e o lugar guardados ao negro na sociedade (GONÇALVES, 1985).

4.4. O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS?

As questões direcionadas às professoras nos possibilitaram comparar tudo que foi observado na sala de aula e nos recreios dos alunos, ora através da ação e fala dos alunos, ou por meio da ação e postura das professoras, com os discursos e depoimentos das professoras diante das questões propostas.

Dessa forma, apresentaremos cada uma das 6 questões direcionadas às 3 professoras e suas respectivas respostas, assim como uma análise de cada uma delas.

Questão 1: Você já observou ou observa em sua sala de aula alguma atitude de violência entre os alunos? Que tipo de violência é mais frequente?

Respostas:

Professora 1 turma A

Sim, Geralmente os meninos são muito agressivos uns com os outros, brincando entre eles de brigas ou trocando ofensas entre si. Sempre quando vejo, eu aparto, mas eles sempre voltam a fazer. Acredito que

essas atitudes se devem ao fato de que eles assistem muitos programas e filmes violentos em casa. São crianças que não têm limites.

Professora 2 turma B

Sim, é muito comum eles se ofenderem verbalmente, principalmente no recreio, sempre temos que estar intervindo de alguma maneira ou conversando com eles. Chamando os pais, quando a situação foge do controle ou quando é algo muito grave, como uma agressão física por exemplo. Mas, na maioria das vezes a agressão é verbal, eles se xingam e colocam apelidos uns nos outros.

Professora 3 turma C

Sim, tanto violência física quando violência verbal, principalmente por parte de meninos contra as meninas, às vezes essas meninas são negras. Eles não querem brincar, sentar juntos e nem sequer falar com elas.

Quando questionadas sobre a existência, em sala de aula, de atitudes de violência entre os alunos, as professoras demonstraram identificar que existem, sim, atitudes de violência entre os alunos, e que segundo elas, essas atitudes são muito comuns e se manifestam tanto de forma física quanto verbal, sendo a violência verbal, segundo uma das professoras, a mais praticada pelo alunos. A professora 1 da turma A associou o fato de os alunos serem violentos à justificativa de que muitos deles assistem filmes/desenhos violentos em casa. As professoras informaram, ainda, que, quando percebem alguma situação de violência entre os alunos, conversam com eles ou intervinham de alguma forma, chamando os pais e/ou responsáveis. Somente uma das professoras entrevistadas, a professora 3 da turma C apontou que essas situações ocorrem principalmente por parte de meninos contra meninas, e que, às vezes, as vítimas dessas violências são meninas Negras. Os meninos, segundo a professora, não querem brincar, falar e nem sentar perto dessas meninas.

Percebemos que, apesar das professoras identificarem as atitudes e situações de violência tanto física quanto verbal entre os alunos (as), elas identificavam as violências verbais, que são mais comuns nos grupos (como colocar apelidos, xingar e fazerem %hacotas+ com as características físicas dos alunos), mas pareciam não refletir sobre os motivos pelos quais tais atitudes eram praticadas e nem o que elas revelam. As professoras não percebiam ou pelo menos fingiam não perceber, que, em sua maioria, as vítimas das agressões são alunos negros ou pardos, e que os apelidos, a exclusão na participação das brincadeiras e dos grupos, e as violências físicas e verbais identificadas por nós, durante o período de observação, tem como

vítimas, principalmente, os alunos de pele negra. Uma das professoras até identificou o preconceito e a discriminação manifestados através das ações dos alunos, mas não manifestava o interesse em desenvolver uma intervenção pedagógica imediata e posteriores, que fizessem os agressores, bem como, vítimas ressignificarem as ações de preconceito racial. Para as vítimas, na medida, em que, as professoras ignoravam a existência do preconceito e da discriminação racial, eles/ elas contribuíam para que as ações preconceituosas contra os alunos negros sejam amplamente praticadas ao ponto de se tornarem comuns na escola.

Logo, a atitude passiva das professoras diante do *Bullying* racial nos permite afirmar que se configura em uma violência simbólica, praticada por estas em face dos alunos negros e pardos

Questão 2: Para você o que é *Bullying*? Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é *Bullying* racial?

Respostas:

Professora 1 turma A

Acredito que seja um conflito entre pessoas, acontece muito nas escolas. Eu, pelo menos, nunca presenciei nenhum caso grave, graças a Deus! Mas sei que a pessoa que passa por isso sofre muito. Já ouvi falar de casos muito graves! Houve até um que causou a morte de uma adolescente. Mas acho que hoje em dia as pessoas estão muito vulneráveis, fracas, qualquer coisa é motivo de matar ou tirar a própria vida. São pessoas que não têm Deus no coração. Precisam ter mais fé em Deus e acreditar que ele pode nos ajudar quando precisamos. Por que todos nós passamos por problemas, não é mesmo?! Agora temos que saber lidar com eles.

Professora 2 turma B

É uma agressão física e verbal entre os alunos por causa da cor da pele. Uma falta de respeito e solidariedade com o outro.

Professora 3 turma C

Bom, entendo como uma forma de subjugar as pessoas, principalmente pela cor de sua pele e não a compreendendo pelo conteúdo de seu caráter. *Bullying* racial é o preconceito.

Indagadas sobre o que é *bullying* e qual o entendimento que tinham a respeito de *bullying* racial, duas das professoras, professora 2 da turma B e professora 3 da turma C, afirmaram que se trata de uma agressão física e verbal, por causa da cor da pele, uma falta de respeito e amor ao próximo. O *Bullying*, ainda segundo uma delas, seria o próprio preconceito. A professora 1 define que o *bullying* seria um

conflito entre pessoas, que ocorre muito nas escolas e cita um caso conhecido por ela que provocou a morte de adolescente. Mas, segundo ela, esse tipo de situação só ocorre por causa da vulnerabilidade de algumas pessoas e pela falta de fé em Deus.

As professoras demonstraram conhecer superficialmente a definição de *bullying* e *bullying* racial, apontaram a falta de respeito, amor ao próximo e fé em Deus como as principais causas das atitudes de *bullying*. Afirmam também que o *bullying* racial é provocado por causa da cor da pele. No entanto, em nenhum momento as professoras apontaram qualquer situação percebida por elas em suas salas de aula como *Bullying* ou *Bullying* racial.

Teoricamente, as professoras compreendem e denunciam o *Bullying* racial, no entanto percebe-se que elas associam erroneamente as causas de tais atitudes, quando umas delas afirma que isto ocorre devido à falta de amor ao próximo e fé em Deus. Além de não refletirem criticamente o *Bullying* racial e não tratá-lo como um problema social, político e cultural, as professoras tratam o problema como algo bem distante de sua realidade.

Questão 3: Você já identificou em sua sala de aula atitudes que envolvam racismo e preconceito racial? Que situações foram estas?

Respostas:

Professora 1 turma A

Não, graças a Deus nunca passei por essa situação, até porque trabalho com a educação infantil há um bom tempo e elas são muito pequenas para entender isso! Eu sempre falo para os meus alunos que somos todos iguais, criados por Deus e não podemos desprezar os nossos semelhantes por ter a pele escura. Por que cada um é do jeito que Deus quis que fosse e temos que aceitar.

Professora 2 turma B

Sim, quando os alunos estão no recreio, percebo que alguns deles não brincam com um menino negro. Mas acredito que isso acontece porque ele é novato e muito tímido. Algumas vezes ele tenta se aproximar, timidamente, mais é afastado pelos colegas. Ele chora muito, mas eu o acalmo e fica tudo bem. Sempre tem uma ocasião ou outra que eles brincam uns com os outros, se apelidando, como carvãozinho, saci Pererê e Cirilo de carrossel. Mais e só uma brincadeira entre eles, não é pra ofender, entende? Coisa de criança mesmo. É normal, nessa idade, fazerem graça de tudo.

Professora 3 turma C

Sim, outro dia uma criança negra caiu e se machucou e as outras brancas falaram %bossa o sangue dele é vermelho!+ Ou seja, por serem de cores diferentes se acham melhores. Outro caso são os apelidos e as piadas como boneco de chumbo, saci, Cirilo de Carrossel.

Quanto à identificação, na sala de aula, de atitudes que envolvam racismo e preconceito, duas das professoras, professora 2 da turma B e professora 3 da turma C, afirmaram que já vivenciaram uma ou duas situações que envolveram preconceito e discriminação. Ambas apontam que sempre tem uma situação ou outra em que há %piadas+ e %brincadeiras de apelidar+ entre as crianças, , mas, segundo uma das professoras, trata-se *apenas de %brincadeiras entre as crianças, coisa de criança+*

No entanto, a outra professora, professora 1 da turma A afirmou nunca ter presenciado nenhuma situação em sua sala de aula que envolvesse preconceito e discriminação. Ainda, segundo ela, este tipo de situação não ocorreria com essa faixa etária de crianças, pois elas seriam ainda muito pequenas para entender isso! Ela afirma que sempre diz as seus alunos que %todos nós somos iguais, criados por Deus e etc.+

Dessa forma, concordamos com Cavalleiro (1999) quando afirma que:

A escola de educação infantil é idealizada como um espaço neutro: o espaço de convivência ideal e livre de preconceitos. As crianças são, para as professoras, indivíduos distantes do preconceito étnico, já que não se percebe nas suas atitudes diárias indícios que denunciem a interiorização da discriminação e do preconceito étnico. Em idade pré-escolar, é possível perceber diferenças de tratamento e associá-las À origem étnica (Cavalleiro, 1999, p. 42).

Questão 4: Como você agiria ou já agiu em situações que envolveram racismo e preconceito dentro da sala de aula?

Respostas:

Professora 1 turma A

Como já falei antes, nunca passei por isso e acho que hoje o mundo está muito mudado. Antigamente víamos muitos casos de racismo e preconceito. Mas hoje em dia é difícil ver algo assim. As pessoas já aceitam mais as coisas e não ligam mais para cor da pele. E, com as leis que estão sendo criadas, ajudou a diminuir bastante o racismo.

Professora 2 turma B

Na sala de aula nunca presenciei, pois eles respeitam, mas no recreio sempre tem uma situação ou outra. Eu sempre que percebo alguma coisa

estranha ou escuto eles estarem se apelidando, isso ocorre com frequência, converso muito com eles sobre o respeito com o outro e a solidariedade.

Professora 3 turma C

Costumo trabalhar com histórias e contos onde as pessoas se entendem, se respeitam e onde há tolerância e o amor, são os pontos principais para que os seres humanos vivam em comunidade.

Questionadas a respeito das atitudes que tomariam ou tomaram diante de situações que envolveram racismo e preconceito na sala de aula, as professoras 1 e 2, estranhamente, responderam que nunca presenciaram dentro da sala de aula nenhuma atitude que envolvesse preconceito e racismo. A professora 1 ainda afirmou, em sua entrevista, que hoje em dia, seria difícil ocorrer situações que envolvam preconceito e discriminação. A professora 2, apesar de também negar ter percebido qualquer situação em sua sala de aula, em decorrência do racismo e discriminação, afirmou ainda que, durante o recreio, em alguns momentos percebidos por ela, os alunos, ficavam apelidando uns aos outros. No entanto, ela não deixa claro, na entrevista, que as situações de conflito percebidas por ela estejam relacionadas com discriminação e preconceito racial.

A professora 3 afirmou que na prática pedagógica adotada por ela costuma trabalhar com histórias e contos onde as pessoas se entendem e praticam a tolerância e o amor ao próximo, entretanto ela não revela, em nenhum momento, ter percebido qualquer situação em sua sala de aula oriundas do racismo e discriminação. Ora, lá presenciamos 8 casos de bullying racial !

Questão 5: Você trabalha as questões raciais na sala de aula? De que forma?

Respostas:

Professora 1 turma A

Sim, claro, acho muito importante os meninos conhecerem sobre a cultura do Índio e do negro, pois eles também fazem parte da formação do nosso povo. Nas datas próximas aos do dia do índio e da abolição da escravidão sempre aproveito para trabalhar com eles os usos e costumes desses povos, dança, comidas típicas. Mais não dou muita ênfase nessa área, pois sei que eles irão trabalhar esse conteúdo no ensino fundamental. Prefiro me deter na alfabetização deles.

Professora 2 turma B

Sim, sempre que posso falo um pouco das diferentes raças que compõem a nossa nação, para que eles, desde de pequenos, já se familiarizem com o tema. Trago materiais que ilustram os costumes e cultura dos diferentes

povos. Como uma semana cultural, aproveitando as datas comemorativas ao longo do ano.

Professora 3 turma C

Sim, claro. Observando desde novos, já uma pré-disposição ao racismo. Uso com aulas audiovisuais, trechos de filmes, textos, revistas, histórias para acentuar o respeito.

Questionadas quanto à abordagem ou não, dentro da sala de aula, das questões raciais e de que forma essa temática era apresentada às crianças, as três professoras afirmaram trazer esse tema para sala de aula e consideraram ser de extrema importância para a aprendizagem de seus alunos.

A professora 1, afirmou que em sua prática pedagógica costuma trazer para seus alunos atividades que abordem a cultura do índio e do negro, pois julga importante, seus alunos (as) terem conhecimento sobre essas culturas que também fazem parte da formação do povo brasileiro. Segundo a professora, ela costuma aproveitar as datas comemorativas do calendário escolar, como dia do índio e abolição da escravidão, para trazer um pouco da cultura desses povos, aspectos como: usos e costumes, danças, comidas típicas. Embora, trabalhe esses aspectos culturais com seus alunos, a professora afirma, que não dá muita ênfase a essa temática, pois, sabe que futuramente, no ensino fundamental I, as crianças iram trabalhar este conteúdo nas disciplinas. Dessa forma, ela prefere dar maior ênfase em atividades de alfabetização.

Semelhantemente a professora citada acima, a professora 2, também afirmou abordar as questões raciais aproveitando as datas comemorativas que aparecem durante o ano letivo. Costuma trazer para os alunos, através de diálogos um pouco das diferentes raças que compõem o povo brasileiro. Traz materiais que ilustram um pouco da cultura e costumes dos diferentes povos, que ela denomina como semana cultural que acompanha as datas comemorativas ao longo do ano.

Por fim, a professora 3, em poucas palavras afirmou que também trabalha as questões raciais com seus alunos (as), e diz usar alguns materiais que a ajudam a abordar o tema, tais como: aulas audiovisuais, trechos de filmes, textos, revistas e histórias, que segundo ela contribuem para acentuar o respeito. A professora, também afirma, que os alunos já possuem uma pré-disposição para o racismo.

Questão 6: você já participou de alguma formação continuada voltada para a formação de professores para educação das relações interraciais? Você se sente preparado para trabalhar essa temática com seus alunos?

Respostas:

Professora 1 turma A

Não, depois que me formei professora, infelizmente, não consegui voltar para sala de aula. Mas gostaria muito de poder participar de alguma formação dessas, pois acredito ser importante o professor estar sempre atualizado.

Professora 2 turma B

Não. Já participei de algumas formações continuadas na área de alfabetização, mas nunca participei de nenhuma com esse tema. Sinceramente, não me sinto preparada para trabalhar esse tema com as crianças muito pequenas. Gostaria muito de participar de alguma formação nessa área, para enriquecer mais as minhas aulas.

Professora 3 turma C

Não, nunca nem ouvi falar. Gostaria de ter capacitações, porém costumo ler muito, e sempre estou por dentro das novas perspectivas na educação, procuro estar atualizada.

Questionadas acerca da participação de alguma formação continuada voltada para a formação de professores para a educação das relações interraciais e se sentiam preparadas para trabalhar essa temática com os alunos da educação infantil? Todas as três professoras afirmaram que não se sentiam preparadas para trabalhar com seus alunos e que nunca participaram de qualquer formação continuada com esta temática.

A professora 1 afirmou que desde que se formou ainda teve a oportunidade de voltar para a sala de aula, no entanto, gostaria muito de poder participar de alguma formação nessa área pois acha importante o professor está sempre atualizado.

A professora 2 disse já ter participado de alguns formações na área de alfabetização, mais que também nunca teve a oportunidade de vivenciar nenhuma que tratasse da educação das relações interraciais. Afirma também que não se sente preparada para trabalhar com seus alunos essa temática.

Por outro lado, a professora 3 afirmou nunca ter nem ouvido falar em cursos de formação continuada voltado para o trato das relações interraciais. Entretanto,

segundo ela, costuma ler muito e está sempre por dentro das novas perspectivas na educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, concluímos que, este estudo foi importante, pois obtivemos dados que nos permitiram observar e analisar o cotidiano de três turmas da educação infantil, onde as relação etnicorraciais estabelecidas entre as crianças negras/brancas e negras/negras são marcadas pelo preconceito e discriminação. As atitudes de *Bullying* racial percebidas nas turmas se realizaram, principalmente, na forma de violência verbal. Ao mesmo tempo em que os apelidos e ofensas são praticados pelos alunos brancos e negros contra os alunos negros, percebe-se também que as professoras ficam em silêncio, diante das queixas constantes dos alunos negros vítimas de agressões. Acreditamos que a falta de formação específica das professoras para a educação das relações etnicorraciais é o principal elemento que contribui para as atitudes de passividade e indiferença adotadas pelas professoras, bem como a inexistência de ações pedagógicas antirracistas.

Consideramos que este trabalho contribuiu com os estudos já realizados sobre a educação das relações etnicorraciais, sobretudo, porque lança um olhar sobre a educação infantil, modalidade de ensino onde, infelizmente, ainda há poucos estudos sobre a temática racial. Eliane Cavalleiro, em suas pesquisas aborda as relações raciais na educação infantil, e verifica, também, a predominância do silêncio nas situações que envolvem racismo, preconceito e discriminação étnicos.

Salientamos a importância do educador, desde a educação infantil, abordar, em sua prática pedagógica, as questões raciais e suas relações, no intuito de minimizar as atitudes de racismo e preconceito disseminadas no espaço escolar. Contribuindo para que, desde de pequenas, as crianças já comecem a construir, de forma positiva, a identidade negra.

Propomos estudos futuros que abordem sobre as práticas pedagógicas para o combate ao *Bullying* racial no ambiente escolar, assim como, propiciem a construção positiva da identidade negra.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A escola e a construção da identidade na diversidade. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (org.). **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

BENTO, M. A. S. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONI, I; BENTO, M. A. S. (Orgs.). *Psicologia social do racismo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-59.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/ SEF, 2005.

BRASIL. Lei 9394 . 24 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

CARVALHO PP. **Bullying e subjetividade**: estudo preliminar sobre o fenômeno Bullying em escola pública de Uberaba, MG. Universidade de Uberaba: MG, 2005. p.12. Trabalho de conclusão de curso.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos, **DO SILÊNCIO DO LAR AO SILÊNCIO ESCOLAR: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil** - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 1998.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía, e COELHO, Mauro Cezar, **RAÇA, COR E DIFERENÇA Ë A Escola e a Diversidade** . 2ª. ed.- Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Edições 34, 1999. GUSMÃO, D.S.; JOBIM E SOUZA, S. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. Revista

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. **Educação e Diferenças Raciais na Mobilidade Ocupacional no Brasil**, Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS, 27 a 31 de outubro de 1998, GT Desigualdades Sociais. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/anpocs/hasen.rtf>.

MELO, Josevaldo Araujo de. **Bullying na Escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**. 3 ed. Recife: EDUPE, 2010

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e de preconceito racial de origem:**

Para a paz. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

PEREIRA, Rosa Vani, **Aprendendo Valores Étnicos na Escola.** - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. - (Formação Humana na Escola).

Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, v.20, 2008, p. 24-31.

SILVA, Nelson Valle Silva, **Extensão da natureza das desigualdades raciais no Brasil.** In: GUIMARAES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Linn Walker(Org.). Op. Cit. p. 33-52

Sugestões de um quadro de referência para interpretação do material sobre relações sociais no Brasil. São Paulo: T A Queiroz, 1955.

ANEXOS**Quadros****Quadro 1****Identificação Racial dos alunos**

Turma	Total geral	Negros	Branco	Pardos
Turma A	20 alunos	4 alunos	13 alunos	3 alunos
Turma B	20 alunos	5 alunos	11 alunos	4 alunos
Turma c	20 alunos	5 alunos	9 alunos	6 alunos
Total de alunos	60 alunos	14 alunos	33 alunos	13 alunos

Quadro 2**Identificação das Professoras**

Professora	Tempo de docência	Pertencimento Racial	Tempo de docência Ed. Infantil.	Tempo em que lecionam na escola X	Tempo em que leciona na turma.
Prof. ^a 1 Turma A	25 anos	Branca	17 anos	10 anos	3 anos
Prof. ^a 2 Turma B	10 anos	Branca	10 anos	4 anos	2 anos
Prof. ^a 3 Turma C	4 anos	Negra	4 anos	4 anos	3 anos

Quadro 3

Situações de *Bullying* Racial sofridas pelas Crianças Negras da Educação Infantil.

Turmas	Violência verbal	Violência Física	Troca/ Acordos	Exclusão das brincadeiras/atividades
Turma A	06	01	01	02
Turma B	05	02	00	02
Turma C	06	01	00	01
Total de agressões	17	04	01	05

Quadro 4

Identificação dos alunos agressores

Turma	Total geral de situações de <i>Bullying</i> Racial	Alunos negros e pardos	Alunos Brancos
Turma A	10	03	07
Turma B	9	04	05
Turma C	8	03	06
Somatório	27	10	17

Quadro 5

Conduta dos alunos Negros vítimas do *Bullying* Racial

Turma	Reação física ou verbal	Queixa à professora	Passividade/indiferença	Isolamento/afastamento do grupo ou agressor
Turma A	01	04	03	02
Turma B	01	05	02	01
Turma C	00	06	02	00
Somatório	02	15	07	03

Quadro 6**Conduta das professoras diante das situações de *Bullying* Racial**

Professora	Situações de <i>Bullying</i> Racial identificadas	Passividade/Silêncio	Culpabilização/penalização da vítima	Repreensão dos agressores	Intervenção antirracista
Prof. ^a 1 turma A	10	04	03	03	00
Prof. ^a 2 turma B	9	06	02	01	00
Prof. ^a 3 Turma C	8	03	03	02	00
Somatório	27	13	08	06	00

QUESTIONÁRIO DAS PROFESSORAS

NOME: _____

SEXO: F () M () IDADE: _____

FORMAÇÃO ACADÊMICA: _____

PÓS-GRADUAÇÃO: () SIM () NÃO. QUAL? _____

TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: _____

TEMPO QUE TRABALHA NA ESCOLA PESQUISADA: _____

TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA TURMA: _____

QUAL O SEU PERTENCIMENTO RACIAL? _____

QUANTOS ALUNOS VOCÊ TEM NA SALA? _____

1. VOCÊ JÁ OBSERVOU OU OBSERVA EM SUA SALA DE AULA ALGUMA ATITUDE DE VIOLENCIA ENTRE OS ALUNOS? QUE TIPO DE VIOLENCIA É MAIS FREQUENTE?

2.PARA VOCÊ O QUE É BULLYING? VOCÊ JÁ OUVIU FALAR OU SABE DIZER O QUE É BULLYING RACIAL?

3.VOCÊ JÁ IDENTIFICOU EM SUA SALA DE AULA ATITUDES QUE ENVOLVAM RACISMO E PRECONCEITO RACIAL? QUE SITUAÇÕES FORAM ESTAS?

4.COMO VOCÊ AGIRIA OU JÁ AGIU EM SITUAÇÕES QUE ENVOLVERAM RACISMO E PRECONCEITO DENTRO DA SALA DE AULA?

5.VOCÊ TRABALHA AS QUESTÕES RACIAS NA SALA DE AULA? DE QUE FORMA?

6.VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA FORMAÇÃO CONTINUADA VOLTADA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERRACIAIS? VOCÊ SE SENTE PREPARADA PARA TRABALHAR ESSA TEMÁTICA COM SEUS ALUNOS?
